

ORIENTE MÉDIO / Cerca de 200 mil palestinos começaram a voltar para uma Cidade de Gaza devastada por dois anos de ataques. Um dos protagonistas do cessar-fogo, Donald Trump deve participar de cúpula sobre acordo com líderes mundiais

Longa marcha para casa

Após o anúncio do fim da guerra em Gaza, cerca de 200 mil palestinos deslocados começaram a voltar para casa, movendo-se para o norte em uma grande marcha. O cessar-fogo, em vigor desde as 9h GMT (6h, em Brasília) de ontem, também estimulou refugiados a regressarem para Khan Yunis, no sul, onde encontraram suas casas completamente destruídas. O acordo com o movimento Hamas prevê a libertação dos reféns israelenses em até 72 horas **(veja quadro)**.

Citado pelo portal Axios, o presidente norte-americano, Donald Trump, um dos protagonistas da costura do acordo, estaria planejando uma cúpula com líderes mundiais durante a visita que fará a Sharm el-Sheikh, no Egito, na próxima semana, para debater o plano de paz. Previsto para segunda-feira, o encontro terá a participação de líderes políticos ou chanceleres de países como Alemanha, França, Reino Unido, Emirados Árabes Unidos, Jordânia e Arábia Saudita. Ainda segundo o site, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, não deve comparecer.

No início da manhã de ontem, o Exército israelense afirmou que as tropas começaram a se posicionar ao longo das linhas de retirada, em preparação para o retorno dos reféns. Advertiu, porém, que algumas regiões continuam sendo “extremamente perigosas”. Nas últimas semanas antes do acordo de cessar-fogo, o país havia lançado uma ofensiva terrestre e aérea intensa para tomar a Cidade de Gaza, a maior do território palestino, e “aniquilar” o Hamas.

Em um comunicado conjunto, dirigentes de Alemanha, Reino Unido e França pediram ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas que dê apoio total ao plano de paz em Gaza. No Debate Geral do Terceiro Comitê da ONU, em Nova York, a representante britânica Eleanor Sanders pediu que Israel garanta



Milhares de palestinos caminham em direção à Cidade de Gaza: esperança se mistura à preocupação com o que encontrarão

a proteção dos civis e a livre passagem de ajuda humanitária. “A diplomacia, e não a violência, é o caminho para alcançar a paz, a estabilidade e a segurança em toda a região.”

Plano

O cessar-fogo e a liberação dos reféns estão previstos no acordo aprovado na quinta-feira após quatro dias de negociações indiretas no Egito entre Hamas e Israel. O documento baseia-se em um plano de 20 pontos anunciado no fim de setembro pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que aproveitou a Assembleia Geral da ONU para receber

líderes árabes e muçulmanos.

O pacto busca pôr fim a dois anos de guerra em Gaza, um conflito que começou com o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 em território israelense, responsável por 1.219 mortos, na sua maioria, civis, segundo um balanço da agência de notícias France Presse (AFP). Entre os principais pontos está o retorno a Israel de todos os reféns feitos em Gaza desde a ofensiva. Segundo o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, dos 48 que permaneciam em Gaza, 28 morreram.

Israel deve libertar 250 detidos por razões de segurança e 1,7 mil palestinos de Gaza presos pelas forças



Mulher e criança passam em frente a faixa com retratos dos reféns

israelenses desde outubro de 2023. Na lista publicada ontem, não aparecem nenhuma das figuras emblemáticas da luta armada palestina.

Apesar das celebrações em Israel e em Gaza, ainda restam muitos assuntos por resolver. Entre eles, o desarmamento do Hamas e a proposta

de uma autoridade de transição para Gaza liderada por Trump, que fazem parte do plano proposto pelo presidente dos Estados Unidos.

"Feridas"

O alívio de voltar à casa mistura-se ao sofrimento de palestinos que perderam familiares nas ofensivas israelenses. Ameer Abu Iyadeh, 32 anos, declarou que o retorno a Khan Yunis, no sul, está “cheio de feridas e dor”. Arij Abu Saadaeh, 53, disse estar “feliz pela trégua e pela paz”, mas acrescentou que é mãe de um filho e uma filha que foram assassinados. “Estou de luto por eles.”

“Só rezo para que minha casa não tenha sido destruída”, afirmou Mohamed Mortaja, 39 anos, enquanto se dirigia para sua casa na Cidade de Gaza. “Só esperamos que a guerra acabe de uma vez por todas, para não termos que fugir nunca mais”, disse Mohamed al Mughayyir, um alto funcionário da Defesa Civil, agência de resgate que opera sob a autoridade do governo do Hamas.

Segundo a agência de resgate, ao menos 50 corpos foram recuperados dos escombros do território palestino depois do início do cessar-fogo. Não foram repassados detalhes sobre quando ou como essas pessoas morreram. O diretor do Hospital Al Shifa, Mohamed Abu Salmiya, relatou que 33 dos cadáveres foram levados a centros de saúde da Cidade de Gaza. Um dos mortos teria sido alvo de “fogo israelense”.

Paralelamente ao retorno dos palestinos deslocados, a Associação de Imprensa Estrangeira em Jerusalém pediu ontem a Israel para conceder acesso independente a Gaza. As autoridades israelenses têm impedido que jornalistas de meios estrangeiros entrem no devastado território desde o início da guerra.

Quem são os reféns ainda nas mãos do Hamas

Conheça os 20 últimos sequestrados pelo Hamas em 7 de outubro de 2023 que se acredita estarem vivos.

Matan Angrest, 22 anos

Militar, foi capturado em seu tanque perto da Faixa de Gaza. Os três colegas que estavam com ele morreram, e os corpos de dois seguem em Gaza.

Gali e Ziv Berman, 28 anos

Os gêmeos foram sequestrados no kibutz Kfar Aza, incendiado pelos comandos do Hamas. Inseparáveis, os dois trabalhavam juntos em produção musical.

Elkana Bohbot, 36 anos

Um dos produtores do Nova Music Festival, com os amigos de

infância Michael e Osher Waknin, que estão entre os 370 mortos na festa de música eletrônica.

Rom Braslavski, 21 anos

Oriundo de Jerusalém e cidadão alemão, ocupava-se da segurança do festival de música. Aparece em um vídeo publicado em agosto pela Jihad Islâmica.

Nimrod Cohen, 21 anos

Soldado, estava próximo ao kibutz de Nahal Oz e ficou imobilizado por problemas mecânicos no tanque. Três companheiros que estavam com ele morreram.

David e Ariel Cunio, 35 e 28 anos

Os irmãos israelenses-argentinos foram sequestrados com a família quando se escondiam no quarto

de segurança da casa, no kibutz Nir Oz.

Evyatar David, 24 anos

Participava com o amigo de infância Guy Gilboa Dalal do festival Nova. Dalal também foi sequestrado, e acredita-se que esteja vivo.

Guy Gilboa Dalal, 24 anos

Foi sequestrado quando participava com três amigos de sua primeira festa rave. Segundo o testemunho de um refém libertado, sofreu abusos dos sequestradores.

Maxim Herkin, 37 anos

Israelense e russo, Maxim Herkin havia emigrado para Israel vindo da Ucrânia. Apareceu debilitado em um vídeo divulgado pelo Hamas.

Eitan Horn, 39 anos

O educador foi sequestrado na loja de seu irmão mais velho, Yair Horn, no kibutz Nir Oz. Paciente de diabetes, Yair foi libertado em fevereiro.

Segev Kalfon, 27 anos

Foi surpreendido por milicianos quando estava escondido em um arbusto à beira da estrada 232, que conecta os kibutz situados ao longo da fronteira com Gaza.

Bar Kuperstein, 23 anos

Era enfermeiro do Exército, mas não estava em serviço. Participava do festival de música e tentou socorrer feridos pelos disparos. Já apareceu em vídeos do Hamas.

Omri Miran, 48 anos

Massagista e terapeuta com nacionalidade húngara, foi sequestrado no kibutz Nahal Oz, onde vivia com a mulher e duas filhas pequenas, deixadas em liberdade.

Eitan Mor, 25 anos

Estava no festival como agente de segurança, com amigos. O pai é o fundador de um coletivo de pais de reféns que se opõe a qualquer acordo com o Hamas.

Yosef Haim Ohana, 25 anos

Trabalhava como barman no festival e foi visto ajudando feridos antes de tentar fugir com um amigo. Apareceu, em maio, em um vídeo divulgado pelo Hamas.

Alon Ohel, 24 anos

Pianista, foi sequestrado no festival após voltar de uma viagem. Foi capturado em um esconderijo na estrada 232, que conecta kibutz nos limites de Gaza.

Avinatan Or, 32 anos

Foi sequestrado com a companheira, Noa Argamani, libertada em uma operação militar israelense em junho de 2024. É engenheiro e tem nacionalidade britânica.

Matan Zangauker, 25 anos

Foi sequestrado em sua casa, no Kibutz Nir Oz, com sua parceira israelense-mexicana, libertada em 30 de novembro de 2023.

AMÉRICA LATINA

Queda de (mais um) presidente joga Peru em nova crise

» ISABELLA ALMEIDA

O Congresso do Peru destituiu ontem a presidente Dina Boluarte em um julgamento político relâmpago motivado pela crise na segurança pública do país. Ela foi substituída pelo presidente do Legislativo, José Jerí. O Ministério Público do país solicitou que a Justiça proíba Boluarte de sair do país enquanto é investigada por crimes de negociação incompatíveis com seu cargo e lavagem de dinheiro.

O Peru realizará eleições gerais em abril de 2026, e José Jerí, um advogado de 38 anos, deve ficar no cargo até julho, quando o eleito tomará posse. Desde 2016, o país andino teve sete presidentes: três foram destituídos pelo Congresso, incluindo Boluarte; dois renunciaram antes de enfrentar a mesma situação; somente um completou o mandato — Francisco Sagasti, que governou entre 2020 e 2021; o sétimo da lista é Jerí.

“O principal inimigo está fora, nas ruas. Os grupos criminosos, as organizações criminosas são hoje

nossos inimigos, e aos inimigos devemos declarar guerra”, afirmou o novo presidente. Jerí completará o mandato que Boluarte exercia desde dezembro de 2022, quando assumiu o cargo após o impeachment e prisão de Pedro Castillo.

Após a destituição, aprovada com o voto de 122 parlamentares segundo a apuração final, cerca de 100 pessoas comemoram o fim do governo de Boluarte em frente à sede do Congresso com uma bandeira do Peru, segundo um jornalista da AFP. “Cai Dina. Fora pacto mafioso”, dizia um dos cartazes segurados por um dos manifestantes.

A maioria parlamentar aprovou na última quinta-feira quatro movimentos de vacância contra Boluarte, invocando o que foi chamado de “incapacidade moral permanente” para liderar o Executivo.

Na quinta-feira, Boluarte compareceu ao Congresso para se defender no julgamento político. Seu advogado, Juan Carlos Portugal, alegou falta de garantias ao “devido processo” pelo pouco tempo para preparar os argumentos. Durante sua gestão,



O novo presidente interino, José Jerí, logo após ser empossado

a ex-presidente chegou a fazer pactos com as forças conservadoras para que não votassem perdidos de destituição. Os acordos, porém, não resistiram ao aumento de casos de violência no país.

“Em todo momento invoquei a unidade, a trabalhar juntos (...) Não

pensei em mim, e sim nos mais de 34 milhões de peruanos”, declarou ontem Boluarte após sua destituição, em uma mensagem interrompida pelo canal estatal. Sua governabilidade deteriorou-se nos últimos meses devido à crise de segurança e aos protestos de diversos setores.

O processo que levou à ascensão da presidente agora destituída foi marcado por protestos reprimidos pelas forças de segurança, que deixaram cerca de 50 mortos, segundo organizações de direitos humanos.

A Procuradoria a investigou nesse caso, além de em outros dois processos; um por suposto abandono do cargo, ao operar o nariz sem avisar, como determina a lei; e outro, pelo chamado Rolexgate, escândalo que estourou em 2024 quando apareceu com joias de luxo não declaradas na lista de bens.

Instabilidade constante

De acordo com Ricardo Cai-chiolo, professor de relações internacionais e diretor do IbmeC Brasília, a destituição da presidente Dina Boluarte pelo Congresso peruano marcou mais um capítulo da longa e conturbada história política do país. “O Peru volta a enfrentar uma crise institucional, que expõe a fragilidade de seu sistema político e a dificuldade

em manter a estabilidade governamental. O afastamento de Boluarte amplia a sensação de incerteza que há tempos afeta o cenário nacional. Essa instabilidade compromete a confiança da população nas instituições.”

Desde a queda do ex-presidente Alberto Fujimori, que governou entre 1990 e 2000, o país enfrenta uma instabilidade política significativa, marcada por sucessivas crises e mudanças no comando do Executivo. Nos últimos 25 anos, o Peru teve 11 presidentes, dos quais somente três conseguiram cumprir o mandato completo de 5 anos.

Conforme Regiane Bressan, professora de relações internacionais na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o Peru vem se alinhando muito em relação aos Estados Unidos. “O que espero nesse momento é que essa aproximação continue. É um país que não está sob governos progressistas, e com tanta instabilidade fica mais vulnerável, por exemplo, à interferência dos Estados Unidos”, analisa.